





DAQUI E DE LÁ:
AFROFUTURANDO
EM ESCRIVIVÊNCIAS.

Memórias e Trajetos de um encontro entre
Brasil e África do Sul.

Mestranda: Janildes A.C. Magno



DAQUI E DE LÁ: AFROFUTURANDO EM ESCRIVIVÊNCIAS.

Memórias e Trajetos de um encontro entre Brasil e África do Sul.

Texto de Defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia.

Orientador - Prof. Dr. Elizeu Pinheiro da Cruz.

Co - Orientadora - Profa. Dra. Zoraide Portela da Silva Cunha.

Linha de Pesquisa III - Ensino, Sociedade e Ambiente

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I

M198d Magno, Janildes Almeida Chagas
Daqui e de lá: afrofuturando em escrevências: memórias e trajetos de um encontro entre Brasil e África do Sul / Janildes Almeida Chagas Magno. – Caetité, 2022.
50 f. : il.

Orientador: Elizeu Pinheiro da Cruz.
Coorientadora: Zoraide Portela da Silva Cunha.
Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, Campus VI. 2022.

Contém referências.

1. Negros – Educação - Brasil . 2. Negros – Educação - Bahia. 3. Educação multicultural - Bahia. 4. Educação – Finalidades e objetivos - Bahia. 5. Criação (Literária, artística, etc.). 6. Professores – Atitudes – Bahia. I. Cruz, Elizeu Pinheiro da. II. Cunha, Zoraide Portela da Silva. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. IV. Título.

CDD:370.117098142



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE

FOLHA DE APROVAÇÃO

"DAQUI E DE LÁ. AFROFUTURANDO EM ESCRIVIVÊNCIAS.
MEMÓRIAS E TRAJETOS DE UM ENCONTRO ENTRE BRASIL E
ÁFRICA DO SUL"

JANILDES ALMEIDA CHAGAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em **ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS**, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada, em 20 de junho de 2022, com nota 10,00 (dez inteiros).

Professor Dr. ELIZEU PINHEIRO DA CRUZ - UNEB
Doutorado em Ciências Sociais - UFBA

Professora Dra. ZORAIDE PORTELA DA SILVA CUNHA - UNEB
Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas e Língua Portuguesa - USP

Professora Dra. MARIA LUCIA PORTO SILVA NOGUEIRA - UNEB
Doutorado em História Social - USP

Professora Dra. ISADORA LIMA MACHADO - UFBA
Doutorado em Linguística - UNICAMP

José Henrique de Freitas Santos

Professor Dr. JOSÉ HENRIQUE DE FREITAS SANTOS - PPGLITCULT / ILUFBA
Doutorado em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura - UFBA

Janildes Almeida Chagas
Janildes Almeida Chagas
Discente

RESUMO

Nas concepções de espaço predominantes no cotidiano escolar, nem sempre há lugar para um saber diverso do institucionalizado, as chamadas contra-histórias. As noções que a escola atual privilegia são genéricas, globais, distantes das diversidades de vivências do espaço e por vezes das diversidades de coletivos sociais. Por esses motivos, as práticas educativas necessitam de constantes revisões. Se compreendermos que a escola é um espaço de socialização de identidades e valores, a questão que vêm à tona é: Como, então, levar à sala de aula as contra-narrativas que estabelecem a intersecção do progresso com a história, da memória com a tradição, da tecnologia com a inovação do povo negro e da cultura diaspórica? Frente a tal indagação, nesse trabalho, a Escrivivência e o Afrofuturismo são assumidos como dispositivos para a escrita de um romance. As personagens da narrativa são as vozes discursivas e responsivas do diálogo que a sua autora se propôs a construir com as referências dessa pesquisa e suas memórias e vivências dentro e fora das salas de aulas do Brasil e África do Sul. Como produto educacional foram propostas oficinas de criação literária e escrita criativa – chamadas de: AFROFUTURAS ESCRIVIVENTES, tendo como público-alvo prioritário: docentes negras de escolas públicas, nessas oficinas serão trazidas identificações positivas, através da socialização racial, étnica e de gênero, dotando-as de ferramentas de leitura e produção criativa, permitindo que essas docentes sejam capazes de usar a Escrita como Arte para afirmar sua existência, bem como imaginar um mundo no qual o colonialismo e seus efeitos não são mais uma limitação para se pensar futuros possíveis para o povo negro.

Palavras - Chave: PPGELS. Ensino. Afrofuturismo. Escrivivência. Educação

SUMÁRIO

- 11 Saída
- 17 Espera
- 23 Sanibonani
- 26 Travessia
- 30 Percurso
- 34 Atravessando
- 37 Ancoragem
- 43 Considerações finais
- 45 Referências



Apresentação

Esse trabalho nasce de diferentes inquietações, tem a escola e os sujeitos que dela fazem parte como alvo desses questionamentos. O sentido comunitário da escola é inegável, nela temos espaços de socialização que, em sua função, são capazes de reunir no mesmo lugar diferentes vivências e múltiplas experiências. No entanto, o que se vê nesse ambiente que chamamos escola, na maioria das vezes, é a reprodução de noções genéricas, a manutenção dos estereótipos e do lugar comum.

A Lei No. 10.639, de 20 de dezembro de 2003, que versa sobre o ensino de cultura afro-brasileira e do continente africano nas salas de aula do Brasil, em tese, abriu caminhos para que as histórias do povo negro fossem ouvidas, histórias essas verdadeiras e reais das suas contribuições na construção da nossa sociedade e também de sua existência enquanto povo e humanidade que não se inicia nem se encerra na escravidão. Mesmo diante desse avanço, surgem diferentes questionamentos: Os nossos alunos negros e nossas alunas negras podem se reconhecer no espaço escolar? De que forma as suas histórias são contadas e as suas vivências são contempladas?

A escola que vivenciamos, hoje, ainda privilegia uma hierarquia de conhecimentos, com a escolha daquilo que é digno de ser visto e vivido nesse espaço e sabe-se que, em se tratando da sociedade brasileira, a escolha de conteúdos advém, principalmente, de um processo violento de apagamento dos saberes daqueles que o eixo - Ocidente ou Norte colonizador classificam como inferior, a saber: grupos étnicos raciais e povos que não se encaixam nos seus paradigmas culturais de humanidade “civilizada”.

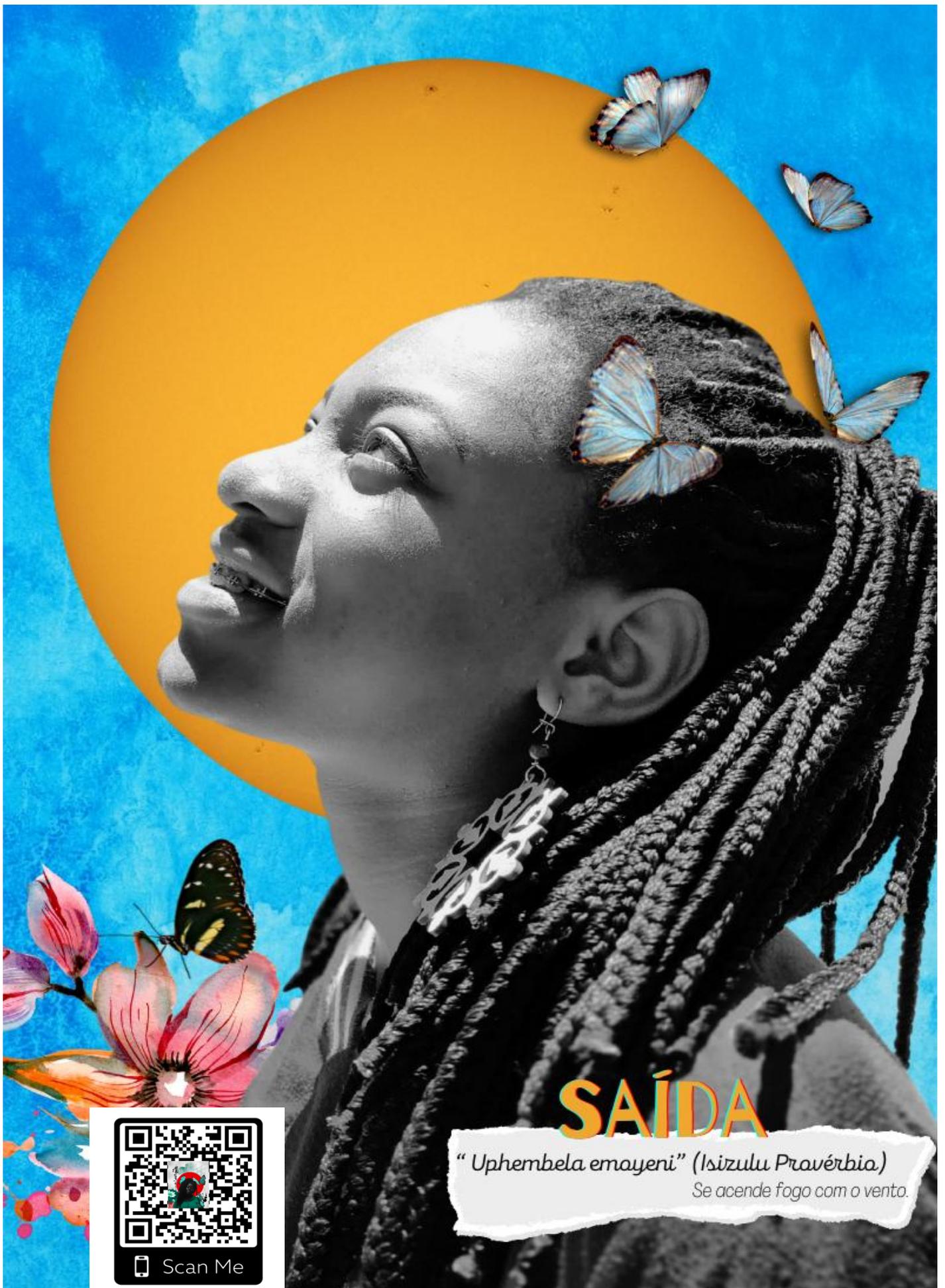
Escrevo este trabalho povoada de diferentes perguntas, algumas ainda sem respostas, pois essas respostas não se constroem sob a pena de uma só cabeça, mas demanda um processo coletivo de mudança estrutural, política, epistemológica e conceitual como nos informa Nilma Lino Gomes (2012).

As minhas vivências como docente de escola pública no Brasil e como brasileira na África do Sul farão parte da narrativa que me propus a construir aqui. O trabalho se divide em dez partes nas quais eu apresento ao leitor os percursos construídos ao longo da minha escrita, nomeando cada uma delas a partir de momentos de uma possível viagem, onde diferentes descobertas e constatações se encontram em busca de um destino final.

A fim de não deixar o leitor sozinho durante esse trajeto, fiz uso da Multimodalidade como ferramenta para melhor compreensão da narrativa que construí. A Multimodalidade se ancora na presença de diferentes códigos semióticos. Cada modalidade apresenta as suas potencialidades de comunicação e representação, dessa forma me propus a trazer diferentes linguagens como: música, línguas naturais, representações visuais, dando oportunidade ao leitor de acionar diferentes sentidos, através de experiências sensoriais proporcionadas pela leitura de QR Codes e visualização das fotos - colagens que podem ser acessadas no início de cada parte desse trabalho.

Ofereço como fruto desse percurso, um produto educacional que traz no seu bojo, o compartilhamento de diferentes produções de escritoras e artistas negras, acompanhado de oficinas que orientam para a construção de um caminho próprio no campo da escrita.

Enfim, convido - lhe a iniciar essa trajetória de leitura que não se propõe tão somente a elucidar fatos ou propor soluções, mas que estabelece, através das críticas que suscita a oportunidade de provocar o incômodo, que poderá resultar em ações práticas, para as possíveis mudanças que poderão se realizar, a partir das nossas escolhas enquanto docentes que não coadunam com o epistemícido do povo negro ou com os silenciamentos programados por uma história que é contada pela ótica do “dominador”, para quem os vencedores são os mesmos e se utilizam das ferramentas da opressão para continuarem como protagonistas.



SAÍDA

*“Uphembela emayeni” (Isizulu Pravérbia)
Se acende fogo com o vento.*

Fonte: Compilação da Autora¹

Colocar-se em palavras e até em silêncios demanda bem mais que biografar percursos, entendimentos e construções estruturais do sujeito. São indeléveis os retornos provocados por esse exercício descritivo, mas em que pese fazê-lo, não me furtarei a exercê-lo.

Eu, nascida do encontro do Sol e da Água, sou a caçula de quatro filhos - Meu pai, Seu João, Professor formado, mas militar de ofício, veio da cidade de Cachoeira, fixou junto com meus avós residência em Salvador. Sendo ele o segundo de oito filhos, foi, na maioria do tempo, o provedor de todos, até que se encaminhassem na vida. Seu João, caligrafia impecável, leitor ávido. Quando saí, deixei-o lendo, quando voltei, encontrei-o repousando, e aqui utilizo o eufemismo para amenizar a dor da morte e embelezar a força da imagem daquele que morreu com o livro na mão. Salve João!

Minha mãe, sertaneja da cidade de Santa Bárbara, que aos nove anos de idade foi para Salvador trabalhar como babá na casa do rico, não pôde estudar, aprendeu a ler sozinha, conquistou um trabalho numa escola pública, e, de lá, só saiu aposentada. Não deixava um livro esquecido, sem ter lugar de pouso. A Diretora mandava jogar fora. Ela trazia para casa. A incansável certeza de que o decifrar da linguagem me levariam a um caminho diferente do dela, a fez se tornar, com o humor que me permito aqui trazer: uma “contrabandista” de livros. Aprendi a ler cedo. Dona Célia, minha pró da alfabetização, se espantou. Ela não. Dona Maura sabia que, quando se nasce mulher, negra e periférica num país como o Brasil, as primeiras ferramentas de combate e defesa se adquirem logo cedo. Sou eu: **Soteropolitana e Mareneja.**

Assim, continuo a descrever-me: nascida do Sol com Água, do Sertão e da Chuva - antítese da qual sou formada. Grande parte da minha construção dual e substancial veio também do bairro onde cresci: Pernambués, reconhecidamente um quilombo urbano, o bairro mais negro de Salvador formado por ladeiras de pedra, que subi e descí por toda a minha infância e juventude. Rua das Pedras. Podia aqui fazer o recorrente trocadilho, de que

as pedras no caminho usei para erguer um castelo, mas, na minha realidade, as pedras que encontrei ainda estão lá, a diferença é que hoje entendo o porquê delas teimarem em se desprender em minha direção.

O lugar onde se nasce é uma espécie de primeiro berço que te embala, e, aqui, não falo só da cidade, mas do meu espaço enquanto periférica, que desde cedo aprende sobre desconstrução, mas não aquela teorizada pelas Universidades, as desconstruções que acontecem nesse espaço, perpassam pela desumanização dos corpos que ali transitam. Partes esquecidas propositadamente a fim de apagar o foco de resistência dos grupos subalternizados, grupos esses que, a cada sopro de existência, proclamam a resistência de uma periferia negra, com suas especificidades, mas que é incondicionalmente brilhante na arte da sobrevivência. Acrescentarei mais um adjetivo a minha descrição: Sou Soteropolitana, Mareneja e **Aquilombada**.

Meus estudos, do Fundamental ao Ensino Médio, foram em Escolas Públicas, nas quais me deparei com as primeiras questões inquietantes que me acompanharam por longo tempo: Por que a gente nunca é escolhida? Por que dela é a coroa?

- Sua trança não segura a coroa!

- Menina, Ajude “ela” a se vestir!

Não basta saber ler as palavras do livro, precisa saber ler as imagens por trás dos discursos que se ouve todos os dias. A passagem pela Escola me proporcionou mais do que a descoberta das diferenças, das impermissões, nela não reconhecia a mim, nem o de mim, sempre era o mesmo. Por que não questionar o *status quo* aparente que nunca me deu oportunidade de ler as histórias dos meus? Não me deixavam me ver, não me viam, mas eu sabia que, se não os inquietasse, não mudariam, e aqui permita-me acrescentar mais uma palavra à descrição que de mim comecei: Sou Soteropolitana, Mareneja, Aquilombada e **Insurgente**.

A Licenciatura em Letras veio até mim por um caminho tortuoso. Não sabia bem o que me esperava. De chegada à Universidade Federal da Bahia, já me considerava uma leitora um pouco mais sagaz das imagens escondidas, dos gestos ensaiados. Nos bancos da Biblioteca, onde eu passava a maior parte do meu tempo, os livros que lia, traziam a mim diversas indagações: Por que “eles” falavam de nós com toda a deferência? Por que utilizavam as nossas histórias apagadas para criarem as suas teses com falas referenciadas pelos pensadores e pensadoras do norte global? Eles falavam de liberdade. Liberdade para quem? Elas falavam de Empoderamento feminino. De que mulher elas falam? Eles falavam de futuro para os jovens. De que jovens eles falavam? Eles erguiam os vencedores. Quem eram esses heróis?

Oriunda de Escola pública, foi no chão dessa Escola que, na maioria das vezes, privilegia noções genéricas, globais, distantes da diversidade, de vivências do espaço, da diversidade de coletivos sociais que entendi que parte dos meus questionamentos encontravam seus pares. Ali estava a menina negra que chorava por ter trança no cabelo ao invés de uma coroa e, também, estava a docente que tentava acalantar o seu choro.

O pisar a escola pública pela primeira vez como docente, trouxe-me a tomada de consciência dos diferentes espaços que formam esse lugar, O lugar-ser da Escola foi onde várias substâncias de mim puderam, por vezes, se fundir e se separar.

Agora eu também era o subúrbio ferroviário de Salvador, Paripe, a cidade baixa que do alto de suas histórias e belezas faria parte dos meus quadros de afetos, construídos ao longo do tempo que lecionei ali, no Colégio Estadual Maria Odethe Pithon Raynal, estava em outra posição, a de não mais uma estudante negra, mas de uma docente negra, me encontrei aprendente, e por vezes ignorante, diante das situações que cercavam a mim e meus estudantes e minhas estudantes naquele lugar, mas ainda sim, me reconhecia nos rostos andantes daqueles corredores, comecei uma

professora, não saí de lá como outra, mas comecei a me incomodar sobre o porquê de continuar sendo a mesma.

Das salas de aula *paripianas* para o campo da Farmer School na África do Sul, não foi um pulo, mas uma virada de mim, se é que existe essa acepção, virar-se pelo avesso para trazer o lado cortante do real. A viagem tinha realmente começado, não era mais o percurso de Pernambuco a Paripe, o incômodo me levou a atravessar o Atlântico, a coragem de revisitar-me como docente, me levou a aceitar o desafio de ir e entender o porquê que reconhecer-se nos rostos que andam pelos corredores das escolas públicas baianas, te liga tão de perto com os rostos que andam em De Doorns, distrito sulaficano, onde lecionei para alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Utilizarei uma metáfora que descreve uma viagem, para falar do meu retorno ao Brasil, farei com toda a licença e de forma econômica, a fim de não fugir muito do meu assento. O retorno de uma viagem é marcado pelo cansaço, demora-se em desfazer as malas, mas quando se começa o processo de arrumação das coisas que levamos e daquilo que trouxemos, decide-se o que deve ficar e o que irá voltar para o seu “antigo” lugar, e assim a minha volta para o Brasil foi marcada pelo o que vivi e aprendi e o que iria fazer com isso. Decidi não mais só me incomodar, mas incomodar. Agora não era a mesma, considerei o sentido errante das identidades que encontrei, durante o meu percurso em Paripe e África do Sul e isso exigiu traduções de mim enquanto docente.

Ao entrar novamente na sala de aula, agora já na cidade de Matina, semiárido baiano, como professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Grandes Mestres Brasileiros, os rostos não mais eram só andantes, não só familiares, eram parte de mim de verdade, suas cores, suas peculiaridades, suas belezas, suas identidades não foram mais ignoradas e se traduziram nas fotos colagens que fiz e que trago nas aberturas das seções da introdução desse trabalho. Nós do tempo que o tempo aperta, enquanto os puxamos para perto de nós.

E aqui ainda estou puxando os nós. Some-se agora a minha descrição: Sou Soteropolitana, Mareneja, Aquilombada, Insurgente e **Professora**.

O mosaico que nos forma trazem à tona essas diferentes tonalidades de que somos formados, elas dão o tom da nossa caminhada e atravessam a nossa jornada como peças que ora se fundem e ora se perdem no emaranhado que são as teias que formam a nossa história. Ao longo da tentativa de situar-me para o leitor, identifiquei família, lugares, pares, dores, afetos e codinomes. Tais codinomes, poeticamente escritos, tentam direcionar para um processo de determinação de quem se atreve a mostrar-se, ou de quem aprendeu a mostrar-se como parte de uma afirmação resistente. Se é assim, que some-se antes de tudo aos adjetivos que me dei, mais um que encerra e começa a minha história: Sou **Negra**, Soteropolitana, Mareneja, Aquilombada, Insurgente e Professora.

Creio que, com essa breve descrição, não mais serei uma total forasteira para o leitor. Sendo assim, convido - o a continuar essa travessia que não se encerra em qualquer porto, ela não é segura, é cheia de retalhos, quebras, remendos e costuras, mas sem essas paradas subjetivas, essa travessia não passaria de um simples passeio.





SCAN ME

ESPERA

"Hakuna maji bila mawimbi" (Provérbio Queniano)
"Não se mexe nas águas sem que elas não se agitem"

Fonte: Compilação da Autoraⁱⁱ

As correntes da memória são capazes de nos prender, ao passo que nos libertam daquilo que pensamos ser. Não é fácil buscar entender os elos que nos ligam a um passado embaçado e, por vezes, inexistente. As ações decorrentes dessa busca desembocam numa intensa renegociação do que se entende por *ser* e *existir*. Não é a existência que nos faz ser - podemos existir sem nunca termos sido. As lacunas da nossa história são alargadas, quando nos deparamos com a falta de respostas para um passado que nos persegue, simplesmente por ele não estar ali.

As fronteiras da nossa consciência enquanto sujeitos são erguidas, quando percebemos que não podemos andar livremente sem sermos atingidos pelas nossas memórias fragmentadas. O que mais se deseja quando não se tem um referencial? O que mais se procura quando não se ouve um igual? A luta, portanto, não é contra ser o Outro, mas ser o Eu e o Outro. Não são as nossas identidades como uma encruzilhada das heranças que nos formaram? Elas são de fato o ponto crucial para a construção da nossa memória.

A questão de identidade aqui é trazida, imbricada com a construção de memória, permite observar que o negro no Brasil, roubado no seu passado, tende a cristalizar identidades que se diferem totalmente do que ele é. Assim, memórias apagadas podem dar lugar a imagens que põe o Outro como modelo a ser seguido e o coloca como um amoldado, que busca ser aceito por uma sociedade que sistematicamente invisibiliza a sua existência histórica.

Nunca será fácil buscar fora do seu lugar, respostas para o que está dentro de si, mas enquanto sujeito afro - diaspórico, Lélia Gonzalez (1988) ilustra bem as camadas que nos colocam ou nos colocamos, enquanto pessoas negras num país em que a discriminação racial é institucionalizada. Neuza Santos (2001) afirma que ser negra, então, não é uma ação de registro civil ou de um parto natural, ser negra é um processo, e tornar-se negra no Brasil é um ato político.

As questões de identidade simbolizam as expressões da nossa existencialidade, o trabalho de trazê-las à tona permite que possamos observá-las através da interpretação e análise de percursos de vidas, evidenciando as diferentes facetas da nossa construção enquanto sujeitos.

São referenciais por vezes móveis, frágeis e instáveis e que se constroem e reconstroem a cada questionamento que surge da identidade convencionada, no entanto, quando me proponho a questionar a identidade afro-brasileira a que fui exposta durante a minha vida, ofereço a quem lê a percepção de que a identidade se estrutura, muitas vezes, através do jogo dos deslocamentos sociais, pelo contato com valores referenciais que se permitiram evoluir com o tempo e das referências socioculturais que chegam até nós, e na construção dessa identidade a ancestralidade exerce papel preponderante.

Os ancestrais na filosofia africana prefiguram não só como parte do passado, mas figura constituinte do futuro. Entender a ancestralidade em África estabelecerá essa ligação com que veio antes, aqueles e aquelas que constituíram o nosso caminho e por isso não se dissociam de nós.

No pensamento tradicional africano, a memória é indispensável para a força ancestral, pois à medida que nos esquecemos da nossa ancestralidade, ignorando a conexão com aqueles e aquelas que vieram e constituíram em nós raízes, a nossa existência se torna vaga e remota, provocando - nos uma despersonalização, assim saber-se enquanto pertencente a quê ou aonde, ou seja, saber-se como *nós*, nos livra dessa lacuna de existência.

A ancestralidade nos remete a um passado que precisa ser resgatado e trazido à memória de modo a orientar os nossos passos futuros. Assim, quando nos lembramos de Elmina¹, em Gana, local onde o tráfico

¹ A fortaleza de São Jorge da Mina (Elmina) foi erguida pelos portugueses por volta de 1482 na costa da atual Gana, para proteger o comércio de ouro na região. Foi um importante entreposto do tráfico de africanos escravizados para o Brasil e outros países. Os portos brasileiros, do Maranhão ao Rio de

transatlântico de escravos foi um dos mais severos e intensos, nos voltamos para os nossos ancestrais presentes nessa lembrança traumática e entendemos que precisamos garantir que isso não mais ocorra, ou seja, olhamos para o passado para trazer o nosso presente e evocar um futuro diferente. Podemos entender esse exercício de volta ao passado, a fim de orientar o nosso futuro como Sankofa².

Dessa forma, o resgate da nossa da ancestralidade na diáspora se estabelece como uma força poderosa de existência, que celebra um passado que é importante para que nos constituamos enquanto **umuntu**³, ou seja, humanidade na prática, valorizando a espiritualidade e a forte conexão com o lugar que está ou ainda poderá estar.

No continente africano, tanto no seu passado, quanto nos dias atuais, a maioria de seus habitantes acredita que o equilíbrio metafísico holístico é impossível sem a ancestralidade. Ela os identifica quanto apreciação da vida, Antes, Durante e Depois - Passado, Presente e Futuro. A nação Xhosa, que vive no sudeste da África do Sul é composta de tribos e clãs, por exemplo: Radebe é o clã, mas a nação se chama a Amahlubi. O nome do clã é o nome do primeiro ancestral, o clã forma a tribo e a tribo forma a nação, ou seja, o ancestral, aquele que estabeleceu as bases, aquele cujos passos são as formas de resistência daquele povo, os nomeia e os acompanha. Já para o povo Zulu, estabelecidos principalmente na parte sul do país, não se deve romper os laços com aqueles que os precederam, você estará morto em vida ao fazer isso. O **idlozi**, termo zulu para ancestral, é o guardador das

Janeiro, com destaque para Salvador, foram abastecidos por essa rota até a primeira metade do século XIX. (Hartman, S. (2021). O Tempo da Escravidão. *Revista Periódicus*, 1(14), 242–262.).

² O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”.

³ Umuntu na língua zulu significa o ser humano. Na Filosofia Banto é a entidade específica que continua a conduzir uma investigação sobre ser, experiência, conhecimento e verdade.

memórias e da identidade daquele lugar e das pessoas que ali habitam. Manter a conexão com ele é essencial para sobrevivência do seu povo.

Na diáspora africana no Brasil, enfrentamos a problemática oficial de não termos registros confiáveis da origem dos africanos que aqui chegaram como escravizados, sem noções precisa de clãs, nação e tribos, por vezes nos vemos envoltos em lacunas do nosso passado, no entanto, é na diáspora que o sentido de ancestralidade se amplia e se reorganiza, ela acolhe independente de origem ou de particularidades étnicas os negros e negras que aqui chegaram, aqueles que aqui estiveram, tomando as sua trajetórias de resistência para si, como numa ação panafricanista ancestral constituinte da nossa existência enquanto povo negro.

A Lei No. 10.639, de 20 de dezembro de 2003, versa sobre o ensino obrigatório de História e de Cultura africana e afro - brasileira nas escolas. A sua implementação abriu caminhos para que houvesse espaços a fim de que a história do povo negro no Brasil tivesse um lugar de fala e de escuta nas salas de aula. O nosso passado, os nossos heróis e heroínas, a possibilidade de manter viva a nossa ancestralidade. No entanto, o que se observa, ainda hoje, é que o modo pelo qual as contribuições do continente africano e da diáspora negra no Brasil são trazidas aos nossos estudantes fomenta a folclorização e reprodução de um estereótipo que é rotineiramente aplicado ao Atlântico Negro.

Nesse contexto, os povos que formam o continente africano são olhados por um ponto de vista exótico, que os prendem a um passado distópico e caracterizam os seus descendentes espalhados nos outros continentes como herdeiros de um passado em contínuo sofrimento e donos de um presente marcado pelo pessimismo, sem vistas para um futuro diferente.

Apontar sobre as formas como as imagens se fixam no inconsciente do jovem negro nos leva, na maioria das vezes, a entender como esses

estudantes se destituem com facilidade da sua identidade, num ambiente escolar em que os heróis são os brancos e os vilões são os pretos.

Como então levar à sala de aula as contra-narrativas que estabelecem a intersecção do progresso com a história, da memória com a tradição, da tecnologia com a inovação do povo negro e da cultura diaspórica? Teremos respostas para essa indagação? Pode ser que sim, pode ser que não. Provocar o incômodo já é um começo.

Se você chegou até aqui, é porque aceitou atravessar comigo. Avisei que são retalhos, conexões desconexas, mas que te levarão a lugares ou espaços de questionamentos, não terei culpa se daqui em diante, você se pegar parando, caminhando ou simplesmente, tomando consciência da sua dupla cidadania (GILROY, 2001), aquela que te permite ser e também se constituir águas do Atlântico.





SANIBONANI

Eu veja vacê



SCAN ME

Fonte: Arquivo pessoal da autoraⁱⁱⁱ

Da janela do avião o que vejo não é o mar, não são as ondas, são as lembranças que eu não tenho, são as histórias que eu não sei, são os rostos que parecem com os meus, mas nunca os vi.

Conta a história que na Costa do Benin, na antiga rota dos escravizados, os africanos capturados para serem vendidos como escravos no Ocidente tinham que obedecer um ritual: dar nove voltas, se homem, e sete voltas, se mulher, em torno de uma árvore, que foi chamada de Árvore do Esquecimento. O ritual, segundo diziam, fazia com que, a cada volta que a pessoa desse, fosse deixando para trás sua história, sua memória, quem era, de onde era, estando apto, assim, a entrar no túmulo, ciente que sua humanidade ficara pendurada nos galhos daquela árvore.

Por um momento, eu olho para fora, pela janelinha do avião e me vejo dando a volta contrária, como se eu passasse, recolhendo as memórias deixadas nos galhos, as histórias fincadas no tronco, as vidas que como semente morreram para germinar e que sobrevivem no sangue da Diáspora Africana. Estou entrando no meu passado. Bem vinda em mim - África - Bem vinda a mim África do Sul.

- *Sanibonani, sista!*

Depois de certo tempo morando na África do Sul, já me familiarizava com algumas expressões, principalmente o profundo significado que elas carregam. *Sanibonani* é uma saudação. As pessoas que te conhecem, ao te ver na rua, a utilizam para demonstrar cordialidade. Ela quer dizer: *Eu vejo você!*

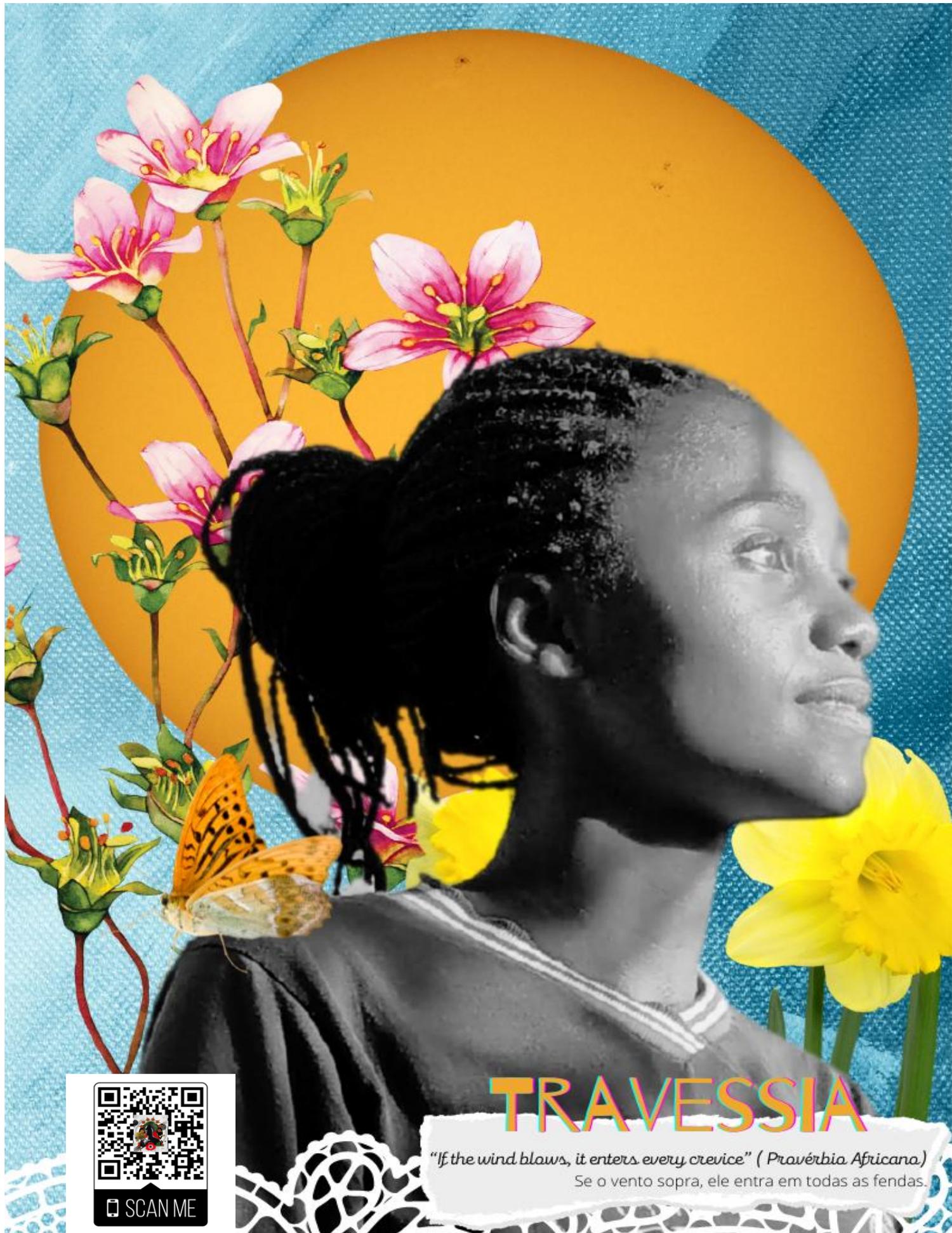
Quando os africanos escravizados chegaram ao Brasil, o que mais se queria, era que eles não fossem notados, sua existência teria que ser anulada, sua história apagada, mas aqui: é *Sanibonani*. Mais que uma simples saudação equivalente a um *Olá* em português, ela implica numa conexão que informa que você não está só - *Eu vejo - Você existe para mim - você é!*

Aprendi a responder a Saudação: - *Yebo, Sanibonani! Sim!Eu vejo você também!* E então a conexão é feita: *Ele me vê - Eu existo - Eu o vejo - Ele existe.* Eu sou porque você é: *Ubuntu!*

Os passos, os sorrisos, as memórias, as vitórias foram negadas aos sujeitos das diásporas africanas como eu. Vestiram nossa história de personagens patéticos com ossinhos na cabeça, devorando homens brancos em caldeirões. Omitiram o trajeto da realeza que mostram homens e mulheres negras, reis e rainhas, nobels e resistência espalhados por esse continente. Nessas ruas, de frente ou não para a estátua de Madiba, todos se saúdam: *Sanibonani-* todos se veem: *Yebo, Sanibonani* - Poderosos são: *Umuntu Ngumuntu Ngabantu.* Há futuros possíveis, ainda que tentem nos apagar.

De retorno para o Brasil, o sentimento de mostrar esse continente, suas histórias, seu futuro existente, cresceu forte como um Baobá dentro de mim. Saindo do avião, agora na jornada de volta, agradeço ao comissário de bordo, não mais com um *Thank you*, herança da língua colonial, mas com *Niyabonga*, porque agora eu o vejo.





SCAN ME

TRAVESSIA

"If the wind blows, it enters every crevice" (Pravérbia Africano)
Se o vento sopra, ele entra em todas as fendas.

Fonte: Compilação da Autora^{iv}

Não que eu precise de permissão! Desejo, sim, oferecer companhia. Permita-me, portanto, colocar sob a pena literária, na escrita de um romance, a minha jornada como mulher, negra, brasileira, soteropolitana, periférica, professora e aprendente, num continente ancestral, no continente africano, mais precisamente na África do Sul e, também, as minhas experiências aqui no Brasil que culminaram nas diferentes construções desse ser diásporico que chama pelo meu nome, mas que também chama por diversos outros nomes de irmãos e irmãs que mergulham nessa *Passagem do Meio*⁴, que diferente do que aponta a sua acepção histórica, fará ressurgir histórias não contadas, na maioria das vezes roubadas de nossa existência.

Sendo assim, faço uso de dois apoios teórico-metodológicos na escrita desse romance, ambos se completam, pois versam sobre as afroexistências de luta e de resistência. O primeiro é o conceito - imagem *Escrevivência* cunhado por Conceição Evaristo. Evaristo (2007, p.20) aponta que “*Escreviver* é a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”. [...] Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”(...) “vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (EVARISTO, 2009, p.18).

Conceição Evaristo (2020, p.30) afirma que a imagem fundante do termo *Escrevivência* é a figura da mãe preta, aquela que enquanto vivia a sua condição de escravizada dentro da casa grande, tinha como trabalho forçado, cuidar da prole do seu “senhor”. Essa mulher negra era impedida de ter os seus filhos nos braços, lhe sendo roubado o direito de regar a sua semente, a fim de forçosamente “alimentar” os filhos e filhas dos senhores e das sinhás, mas essa mesma mulher como afirma Lélia Gonzalez (1980) foi base substancial para a formação dessas crianças que tiveram nela a figura do afeto, passando para elas todos os valores que lhe diziam respeito, do imaginário a língua.

⁴ A *Passagem do Meio* refere-se a parte do comércio onde os africanos, empilhados em navios, eram transportados através do Atlântico para as Índias Ocidentais. A viagem durava de três a quatro meses. in : (REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. 2011)

A Escrivivência atua inicialmente, como um ato de escrita insurgente de mulheres negras que retomam a sua potencia de ser e existir, até então sequestrada por um passado, onde eram vistas apenas como corpos, destinados ao trabalho braçal, despidos de qualquer voz ou identidade.

Dessa forma, ao construir as personagens do meu romance, não me retiro, mas me permito aparecer em certas ações, em certas palavras, ditas ou não ditas. É a minha escrita negra, vivida, por vezes subjetiva, mas vivente que dá contornos a este texto. Maria Nazareth Soares Fonseca ao escrever sobre os relatos de vivências negras, trazidos pelos romances escritos por autores e autoras negras, afirma que:

“o próprio gênero romance passa a significar uma experiência criativa em que o relato assume o compromisso de reler a História a contra - pelo e de criar novas estratégias para fazer brotar do chão da cultura um manancial de vivências sufocadas e memórias negras esquecidas”(Fonseca, 2020, p.69).

Escrever produz uma escrita marcada pela vida dos corpos negros. Não é mais uma autoria comandada pelo que querem que se escreva ao nosso respeito, mas uma ficção de nós, das vozes que nos habitam. Não é uma escrita atravessada pelo viés da meritocracia, mas se vê direcionada pela intenção de romper com um sujeito individual e ser também voz de um ser coletivo. O sujeito da Escrivivência não é aquele que a sua história se esgota em si mesmo, vai além, pois performa vozes coletivas.

O segundo aporte metodológico que utilizo na escrita do romance é o Afrofuturismo. O Afrofuturismo é um mecanismo para imaginar e criar diferentes realidades, livres das restrições da colonização e da opressão racial. “Pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado, e cujas energias subsequentemente sendo consumidas pela busca por vestígios legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis”? (Dery, 1994) ou seja, esse futuro já não estaria colonizado no sentido do seu passado colonial excludente? O autor da pergunta a responde em seguida, quando aponta que os negros têm histórias legítimas para serem contadas tanto do agora como na construção do seu futuro.

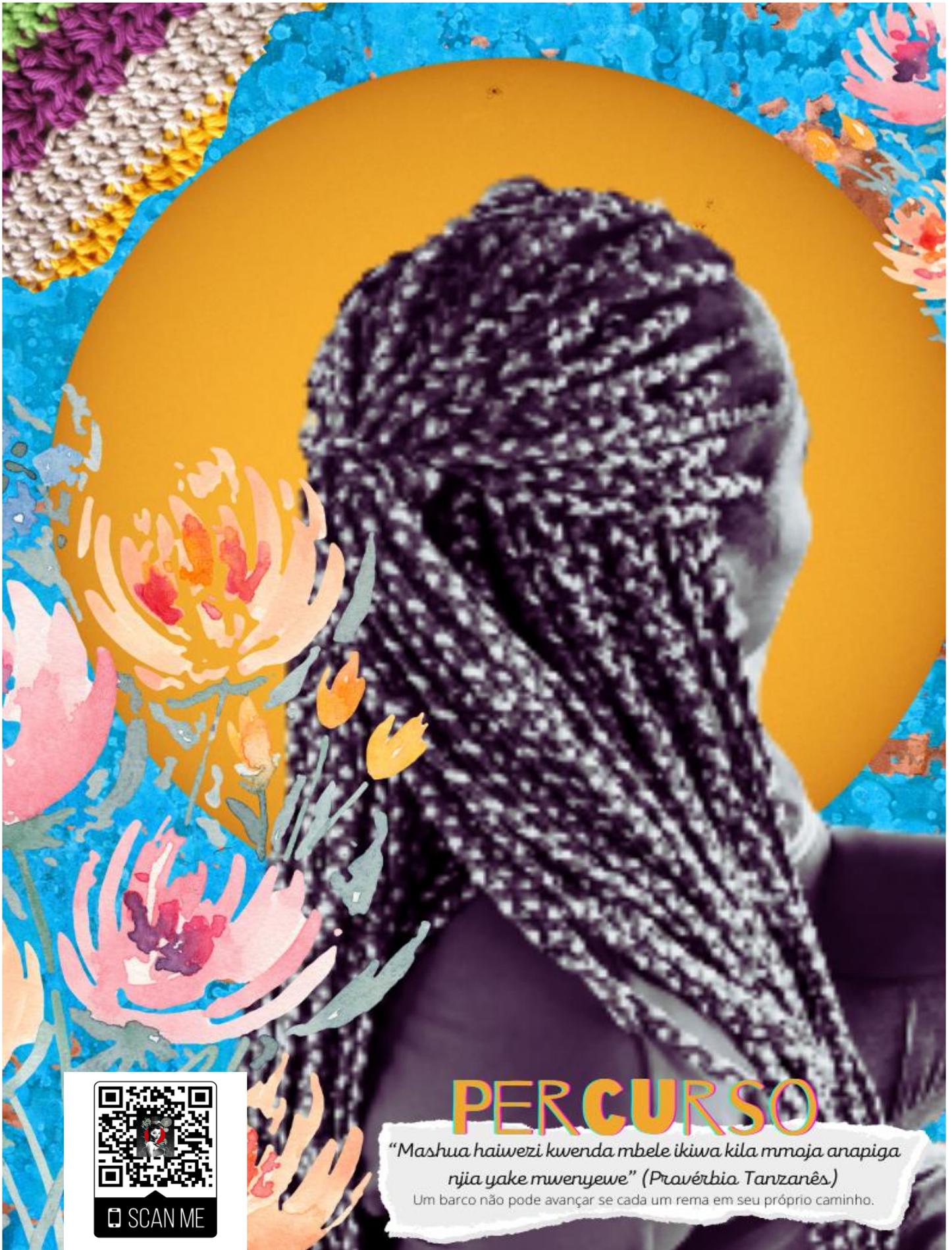
O Afrofuturismo oportuniza o levantamento da discussão de como as nossas salas de aulas instrumentalizam formas excludentes de se pensar as

contribuições do continente africano em nossa sociedade, criando espaços que contemplam a inclusão, as diversidades, que capacita os alunos negros a criticarem os arranjos sociais e as desigualdades existentes, criando um futuro social que abre espaços para estarem seguros em seus corpos. A experiência do Afrofuturismo propõe contra-histórias que reconsideram o papel dos negros na sociedade ocidental no passado e imaginam papéis alternativos no futuro.

De que forma a Escrivivência dialoga com o Afrofuturismo? Quando ambos promovem um lugar de discussão que traz à tona percepções críticas e visões indagatórias, sobre como a memória do povo negro pode ser escrita, considerando seus espaços inventivos e de inovações.

Então, um romance se tornará a dissertação e não um produto? São os dois! Lembre-se do que lhe foi dito ao começar essa travessia: Retalhos, Recortes, Conexões desconexas, são essas intercorrências que regem a nossa caminhada. Como não se servir da escrita literária? Arte ou Artefato? Se uso um facão para cortar o mato, é instrumento, mas se coloco na minha parede e o admiro pra mim é Arte. E assim, meu romance é Arte e Instrumento. Produção e Produto. Início. Meio, mas não um Fim.





SCAN ME

PERCURSO

“Mashua haiwezi kwenda mbele ikiwa kila mmoja anapiga njia yake mwenyewe” (Pravérbia Tanzanês)

Um barco não pode avançar se cada um rema em seu próprio caminho.

Fonte: Compilação da Autora^v

O processo de criação e aqui utilizo o termo “gestação” do meu romance e a construção de seus personagens perpassou por diversas fases, até o momento da sua concepção, por mim foi considerado uma gravidez de risco, posto que, muitas vezes, tive que mantê-lo em repouso por causa dos seus sangramentos, de alguns rompimentos que poderia vitimá-lo, impedindo de ser parido.

A minha escrita não é neutra, ela aparece amparada por um coletivo de complexidades vivenciadas por mim. A sua concepção advém da experiência ainda que, por vezes, não tão visível de um sujeito (eu - nós) e suas relações sociais. Conceição Evaristo (2009) compartilha conosco as suas construções de escrita. Ela afirma que suas construções partem da sua experiência enquanto mulher negra atravessada pelo sexismo e racismo desde criança. Dessa forma, me assumo como uma escreviente que, na construção das personagens, dos seus espaços, dos seus trejeitos e procuras, performa também a menina negra de tranças, a adolescente solitária, a jovem sobrevivente e a atual insurgente.

As memórias que tenho e as que não tenho constroem os passos da minha heroína ou heroínas? (ora, ora um leitor atento!?), mas também as concepções de um futuro não distópico, de histórias dignas de serem vividas pelo povo negro. As personagens que caminharão pelo romance trazem em si a dualidade de que sou formada. Das as águas salgadas de onde vim e nas doces onde estou, busco a inspiração para a construção dos sujeitos daqui e de lá que dialogarão com você que os lê.

Cada personagem carrega consigo pequenas passagens por mim vivenciadas, ouvidas e sentidas. Patrícia Hill Collins (2019) chama a atenção que a epistemologia feminista negra é fundamentada por uma base experimental, a saber, experiências coletivas e visões de mundo correspondentes a vivências como mulheres negras. O romance não vem ancorado numa autobiografia, mas apresentará ao leitor passagens que, mesmo não sendo universais, são experimentadas pelo corpo feminino negro

num sistema racista e sexista. Essa sociedade e seus trejeitos influi e influenciou diretamente no meu processo de escrita.

O meu corpo negro enquanto marca identitária carrega verbos, adjetivos, substantivos, conectivos e frases que culminam nas diferentes histórias que se traduzem nos provérbios, nos contos orais, nas histórias das bábás e, assim, podem ser entendidas como ícones de resistência presentes na cultura brasileira. Proponho-me na construção dos personagens do meu romance e nas suas trajetórias, trazer a presença de um corpo negro constituído de dualidades, que traz um passado, uma raça, uma memória, um futuro.

Na narrativa que construí, a ótica do mais velho é trazida e nela Dona Paula, que na verdade se chamava Maria, minha Vó serve de guardiã dos trejeitos dos mais velhos e o meu Vô Cincinato, com suas risadas fortes, produzem a inspiração que colhi para moldar os mais velhos na construção do romance. Esses maneirismos são encontrados com toda a licença literária que me cabe, ao usar em certos momentos, o fantástico para construí-los. Neles as resistências culturais se tornam resistências políticas. As culturas de sobrevivência aparecem como tomadas de ações no dia a dia.

As ligações entre passado, memória e presente se fundem instintivamente cada vez que o além-sensorial é acionado pelas visitas intracorpóreas que acontecem na narrativa. Nada está na superfície, tudo é um pouco mais profundo, porque envolve buscar a si mesmo, e nesse sentindo, o encontro com o si, o que ficou pelo caminho, não dá as mãos para brincar de roda. Os porões dos tumbeiros não permitem que a alma brinque só que morra para sobreviver. Esse mergulho profundo tem o ritmo do Oceano Atlântico que posso avistar ali da Praça da Sé em Salvador, imaginando o percurso feito pelos meus ancestrais e quantos ficaram pelo caminho.

A conexão com a África do Sul é mais uma vez estabelecida ao relembrar a minha visita ao Cape Agulhas, lugar do contorno e encontro com o Oceano Índico, conhecido como o extremo sul do continente africano,

denominado assim por portugueses que navegavam ali e, ao passar por lá, tinham as suas bússolas desconfiguradas como num portal. Por ali, também passaram os navios que levavam moçambicanos escravizados para diferentes partes do Atlântico, principalmente para o Brasil.

A nossa personagem se vê envolta nas cicatrizes que marcam a sua não - pele , mas que envolvem a sua existência. Os questionamentos que ela traz, por vezes, cercam a existência de uma jovem negra numa estrutura que sufoca e exclui. Essas diversas de si aparecem na minha experiência em observar as diferentes existências que mulheres negras africanas e brasileiras performam no seu dia a dia e que se encontram, mesmo separadas por um grande oceano.

O ritmo da história se constrói como um labirinto a ser desvendado, assim como as ladeiras e becos do Pelourinho, na Bahia, onde é inicialmente ambientada, e os encontros com o passado no continente africano. A previsibilidade não é algo a ser esperado. Descobertas, e também reconstruções, aparecem recorrentemente convidando a pensar: de quais máscaras somos formados? Quantas são as peles que precisam ser arrancadas de nós? O que somos? E o que seremos?

Ao leitor deste texto introdutório creio que, ainda, fica uma pergunta que pode estar lhe inquietando: O romance tem nome? Sim tem, enquanto estava sendo gestado e ainda por parir, fiz como na tradição dos mais velhos, deixei que viesse à luz, a fim de olhar para seu rosto e dar-lhe um nome. Então, convido - lhe mais uma vez a prosseguir, e assim saber como o nomeei.





ATRAVESSANDO

Mostra a pele que cobre as Dandaras. Que o Mundo entenda que tu és: Fogo, Água e Potência.

Fonte: Compilação da Autora^{vi}

O romance está dividido em capítulos que serão explicitados a seguir:

Capítulo 1 - O vento não balança - Adaeze a personagem que dará forma e vida as ações e desfechos do Romance nos é apresentada. Adaeze é de Salvador, nascida no bairro do Barbalho, centro velho. Sua família paterna veio do Recôncavo baiano, mais precisamente da cidade de Cachoeira, mas com raízes no sertão baiano.

Seu avô Pedro era um artesão, habilidoso no couro e na pintura. Um dos pioneiros do Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho, se estabeleceu ali, abrindo uma loja, a loja do Mestre Pedro. Sua avó Benícia, costureira habilidosa, criou 05 filhos, um dele chama-se João, o pai de Adaeze. João aprendeu o ofício do pai se tornando um dos grandes artesãos do Taboão, por sua habilidade no manejo com o couro.

A infância de Adaeze transcorre entre as ruas de pedra do Pelourinho junto a seu avô e seu pai e em casa junto a sua avó, porém é com seus avós que ela aprende as primeiras simbologias que irão acompanhá-la durante o seu processo de transformação. Da história de si e das histórias das mais velhas, ela começa seu processo de construção.

Capítulo 2 - *É vermelho, mas não é sangue.*

Adaeze não conheceu a mãe profundamente, ela morreu quando ela tinha 03 anos de idade, quando ela passou a ser criada pela sua vó Benícia, seu vô Pedro e seu pai. O pouco que sabe da sua mãe aparece quando vó Benícia se dispõe a falar, a velha chamou a demência depois da morte do mestre Pedro, na maioria das vezes as suas falas se perdem entre a verdade e a fantasia que os outros acham que ela carrega.

São 80 anos de Vó Benícia entre a demência e a lucidez, as histórias da família servirão de pano de fundo para os questionamentos que aparecerão durante os preparativos para a comemoração. Adaeze, agora uma jovem, se divide entre o ano final da Faculdade e a paixão pela pintura que desenvolve na loja do Pelourinho.

Acontecimentos inesperados surgem durante a noite. Entre gritos e sorrisos, o véu se rasga, o passado encoberto ressurgue, trazendo consigo algumas chaves temporais que ligarão dois mundos.

Capítulo 3 - Máscaras pretas, corpo translúcido - As revelações de Vó Benícia não param de assombrar a mente de Adaeze, algumas delas vão além do seu quarto. Suas pinturas começam a fazer sentido, trazendo à tona alguns sentimentos profundos, levando-a descobrir-se além do que ela pode ver. As chaves temporais começam a abrir portas.

Capítulo 4 - Travessia - Adaeze se vê diante de uma grande tomada de decisão. As portas que se abrem até ela sugerem que não há escolhas passíveis de facilidades. Suas escolhas repercutirão profundamente na sua vida, os encontros que decorrerão dessa jornada serão decisivos para a sua sobrevivência.

Capítulo 5 - “Os pássaros cantam” - Adaeze percebe que a sua busca poderá ter fim. As indagações que emergiram da sua memória acordada pelas inferências de Vó Benícia tomam forma, corpo, som, cheiro.

O romance que me proponho a escrever traz Adaeze como uma representação das muitas pretas que somos. Nele também se encontram Pedros, Joãos irmãos de resistência e as Vós Benícias, mães pretas que guardam as nossas memórias roubadas. A insurgência da minha escrita feminina, negra e nordestina reivindica o giro de uma história contada por si sobre si mesmo, tornando central a existência dos nossos antepassados escravizados e dos sujeitos afro-diáspóricos, lutando contra a presença constante do perigo dessa história única (ADICHIE, 2019): a da vinda, sem volta. Por isso, como afirma Conceição Evaristo “[...] A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21).





ANCORAGEM

*“Escrever é a escrita de um carpa...”
(Conceição Evarista)*

Fonte: Compilação da Autora^{vii}

Armados de práticas racistas, segmentos da sociedade brasileira parecem acreditar que a vivência da população negra é insuficiente para construir uma escrita munida de seus arquétipos precursores de sua estética e epistemologia. Por outro lado, no âmbito da universidade brasileira contemporânea já é possível afirmar, podemos nos enunciar, podemos ser vistos e lidos como dignos de história, a despeito da herança epistêmica européia que perpetua a branquitude como sendo o referencial a ser seguido.

A ideia de um produto educacional é traduzida por mim, num primeiro momento, como aquela necessidade técnica do texto escolar acompanhado da atividade de interpretação textual, parecendo-me que, depois de adentrar pelos caminhos da ficção, eu teria também que construir um dever de casa para o meu leitor. Como alternativa a este significado de Produto Técnico Tecnológico entendo que o romance aqui apresentado, é um produto, um meio, um instrumento, no entanto, também entendo que posso propor mais, que não se encerrará no meu pensamento como um mero produto, mas que em mim versejará como uma possibilidade de reconstrução de memórias, transposição da invisibilidade, uma política de transfiguração (GILROY,1956) que enfatiza o surgimento de relações sociais e também de associações qualitativamente novas que vão fortalecer os atos de resistência dentro da nossa comunidade racial.

Memórias afroafetivas é um conceito comumente utilizado pelo movimento negro para demonstrar como as relações de afeto entre os negros são relevantes e poderosas para o fortalecimento identitário do sujeito com a sua negritude e com sua comunidade, (se) Falar, (se) Escrever, se Mover são práticas de existência. O modo ocidental de pensar, e nesse caso trago o modo *branquitude operandi*, reforça a si sobre si mesmo, privilegiando a individualidade e a construção de um ego que classifica o Outro na escala da inferioridade de acordo com o seu fenótipo.

A Filosofia Banto nos orienta para o EU que é o Outro, mas não o Outro que cataliza o oposto, mas o Outro que também sou EU. As construções e a permanência em sociedade, nesse sentido, perpassarão por

uma coexistência que não invisibiliza o próximo, mas se refere a ele como parte de si. A Filosofia Banto funciona como fator unificador da vida cultural comunitária africana, aproximando as pessoas, independente de sua origem ou posses materiais. É viver o UBUNTU como estilo de vida.

É interessante trazer aqui um melhor entendimento sobre o UBUNTU, algo já mencionado em Sanibonani⁵, torna-se importante fazer essa parada para uma melhor compreensão sobre o termo, a fim de entender como ele é a raiz da filosofia Africana e se torna fundante das epistemologias banto, orientando existências africanas e afrodiáspóricas.

A palavra UBUNTU pertence ao grupo de línguas indígenas africanas *nguni*, possuindo cognatos em outras línguas indígenas banto. Assim, para entendê-la precisa-se dissecar e descompactar o termo, observando - o como uma palavra hifenizada: UBU-NTU, duas palavras em uma.

Vale salientar que a princípio não me deterei profundamente nessa explicação, pois isso ultrapassaria o escopo desse trabalho, mas trazer uma fundamentação adequada sobre esse conceito é de suma importância, para entender o seu possível trânsito na diáspora e seus desdobramentos, e como isso revela a alteridade que nós, seres diaspóricos sentimos falta, enquanto recriação de nossas existências fora do continente africano.

O conceito à primeira vista não é de fácil compreensão, mas a revelação de certos pontos que o circundam trará a sua singularidade e força como entendimento tradicional e fundante da filosofia banto. Quando dividimos a palavra Ubuntu obtemos o prefixo (UBU -) e o radical (- NTU). UBU- traz a ideia do SER em geral, o concreto existente a pessoa em si, já o - NTU te direciona para o SER individual, mas eles não existem separados, são Totalidade e Unidade indivisível.

O UBUNTU orienta para uma humanidade que existe como indivíduo concretamente, mas não existirá substancialmente sem a sua comunidade. O ser humanidade está inexplicavelmente ligado à humanidade do outro.

⁵ Narrativa que pode ser lida na página 19 desse trabalho.

Dessa forma, entende-se tradicionalmente na África Austral que alguém é verdadeiramente humano apenas como membro de uma comunidade, ou seja:

UBU (comunidade) + **NTU** (indivíduo) = **UBUNTU**

A sentença *“umuntu ngumuntu ngabantu”*, de onde provem o termo e em si encerra o UBUNTU, pode ser traduzida por: *“eu sou, porque você é, você é, porque nós somos”*, nela o sentido de comunidade está mais que presente. Quando se quer elogiar alguém na África do Sul se diz: *“Y, u nobantu”* - que se traduz por: “ele ou ela tem Ubuntu”, ou seja, aquele indivíduo é comunidade, entende que não existe sozinho, suas ações individuais compartilham esse estado do SER-COM.

Nelson Mandela, presidente eleito democraticamente em 1994, numa África do Sul pós - Apartheid utilizou o UBUNTU para promover a unificação de um país fragmentado e altamente ferido pela segregação racial. O sentido de pertencimento e comunidade foi evocado para a reconstrução da África do Sul pelas bases do UBUNTU, nele a humanidade de alguém não pode ser separada da humanidade daqueles ao seu redor, diferindo da visão materialista ocidental que aponta para o individualismo.

Deixe-me aqui contar uma passagem de um fato que observei, quando morei na África do Sul, recentemente chegada e ainda por aprender algumas coisas sobre a cultura tradicional do lugar, me propus, antes de tudo, a só observar, mas muitas vezes foi difícil retirar os olhos do quadro de referências que trazia, para olhar sem o SE ou COMO a fim de não realizar comparações com o modo ocidental de viver, ainda assim, me propus esse exercício na maioria das vezes que me vi diante de uma situação cultural, me propondo a ser ali aprendente e não “reorganizadora” de uma situação a partir do meu ponto de vista ocidental.

Passarei a descrever a situação que observei: via repetidamente, uma moça que cuidava das crianças menores quando as mães delas estavam em alguma atividade, ela se ocupava daquelas crianças, umas cinco ou seis

entre 03 e 04 anos. Eu pensava que ela era contratada pelas mães para ser babá, mas para minha surpresa ao perguntar, descobri que não era dessa forma. Essas crianças faziam parte da sua comunidade, enquanto as mães não podiam estar com seus filhos, ela era a “mãe”. O sentimento de comunidade a regia, ainda que não houvessem saído do seu ventre, as crianças eram comunidade e ela também. Não eram indissociáveis. As crianças precisavam de cuidados, a responsabilidade de criá-los não era só de seus pais, mas da comunidade.

Depois dessa explicação, a admirava ainda mais fortemente, eu sorria todas as vezes que a via passar, entendi de uma maneira prática e simples um dos princípios do UBUNTU e mesmo que anteriormente tenha dito que me propus a não fazer comparações com a cultura ocidental ao qual pertencço, não pude deixar de me lembrar das senhoras da minha rua, na periferia de Salvador, aquelas que ”cuidavam” dos meninos e das meninas que escapavam para a rua, na falta das mães e pais que não estava em casa por estarem trabalhando.

Essas “mães” faziam as vezes de gritar para irmos para casa, observavam com que estávamos, muitas vezes indo lá pessoalmente nos buscar sob ameaças de *“quando sua mãe e seu pai chegar, vou falar tudo, vai para casa!”* . Ainda que nos incomodasse a intromissão das mais velhas, percebo que talvez inconscientemente, esse sentido de comunidade estivesse ali, elas se sentiam responsáveis por nós, pois nós éramos aquele lugar também, aquele lugar eram elas. Todos estavam ligados.

Dessa forma, para entender as bases do UBUNTU, faz-se necessário o deslocamento do viver e ser individual para o ser e viver em comunidade. Essa comunidade só existe por meio das relações que construímos ali, assim no UBUNTU a realidade do mundo comunitário se sobrepõe sobre a realidade das histórias de vidas individuais sem, portanto, anulá-las. Sendo assim, a construção coletiva é um meio potente de conectar saberes, resgatar pertencimento e trazer à tona futuros não pensados.

É frequente a visão terapêutica na produção artística de muitos artistas africanos - descendentes no Brasil. Isso advém de uma cosmopercepção africana de mundo, na qual o fazer artístico se relaciona diretamente com a vida e não somente com uma expressão individual ou de puro entretenimento, mas como um meio de comunicação e conexão entre as pessoas.

Essa forma terapêutica do falar de si, nos remete ao acesso que nos foi negado do nosso passado e nossa história, esse movimento promove o resgate de elementos que darão sentido a própria existência, quando nos (re) conhecemos, nos (re) posicionamos, nos (re) vemos.

Como produto educacional serão propostas oficinas de criação literária⁶ e escrita criativa – chamadas de: AFROFUTURAS ESCRIVENTES, tendo como público-alvo prioritário: docentes e estudantes de escolas públicas. Nessas oficinas serão trazidas identificações positivas, através da socialização racial, étnica e de gênero, dotando-as de ferramentas de leitura e produção criativa, permitindo que sejam capazes de usar a Escrita como Arte para afirmar sua existência, bem como imaginar um mundo no qual o colonialismo e seus efeitos não são mais uma limitação para se pensar futuros possíveis para o povo negro. Em suma, o meu produto se propõe a ser andante e viajante, trazendo consigo nas suas diferentes paradas a possibilidade de novas histórias.

⁶ A estrutura das oficinas está descrita num arquivo separado.



CHEGADA

*Sempre existirão fios que ligarão
a nossa existência.*

O povo negro, através da resistência e da sua presença, inscreve todos os dias os seus percursos além vista, entendendo que a força ancestral que os move faz com que as tentativas recorrentes de invisibilização da sua existência, enquanto parte importante na formação da nossa sociedade, sejam minadas a cada punho negro cerrado que se ergue.

O percurso construído nesse trabalho buscou levantar discussões e trazer uma análise acerca das nossas salas de aulas, e como a cultura e história africana e afro-brasileira são excluídas de forma coreografada e bem ensaiada, infligindo com intencionalidade uma violência sistêmica às mentes e aos corpos dos nossos estudantes e nossas estudantes negras. No entanto, como resposta as perguntas iniciais aqui apresentadas, entendeu-se que há lugares nas nossas salas de aula para as contra-histórias, são elas que trazem os futuros possíveis, existentes e passíveis de serem vividos para a comunidade negra.

A Escrivência e o Afrofuturismo foram ferramentas consideradas para traçar o percurso de uma realidade ficcional, a criação de um revés, que me dispus a compartilhar: a concepção de um romance que se insurgiu aos moldes tradicionais acadêmicos de *falar sobre*, se propondo a *ser sobre*, griotizando a teoria e mimetizando a prática.

Vale ressaltar a aplicação de: **Rosana Paulino - Paredes da Memória**, uma das oficinas do produto educacional Afrofuturas Escriventes. A oficina foi aplicada a estudantes de Letras, da Universidade Estadual da Bahia, Campus VI em Caetité. Foram momentos de descobertas para as estudantes negras presentes e significou para mim o compartilhamento de sensações e memórias. As considerações e principalmente as impressões que se apresentaram ali não caberão aqui, demandam a escrita de outro trabalho.

Enfim, a luta por uma sala de aula que contemple a história do povo negro será algo contínuo, as representações eurocêtricas de lugar e comunidade da negritude performadas em diferentes níveis do nosso

sistema educacional, devem ser combatidas. Assim, este trabalho é *kalunga*, que na acepção da filosofia bantu - congo é água infinita, ou seja, não se encerrará por aqui.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMOR DE DEUS, Z. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Em: planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 14 de Fevereiro de 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo. Companhia das Letras. 2022.

BESSIÈRE, Irene. “**El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza.**” David Roas, org. *Teorías de lo Fantástico*. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001. 83-104.

CARNEIRO, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em:< <https://repositorio.usp.br/item/001465832>> Acesso em 20 de jul. de 2021.

COLLINS, P. H. Epistemologia feminista negra. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (orgs.).

Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

DERY, Mark. **Flame Wars: The Discourse of Cyber Culture.** Durham and London: Duke University Press, 1994.

DIONÍSIO, Angela Paiva (org.). **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais.** Recife: Pipa Comunicação, 2014.

ESHUN, K. **Further Considerations on Afrofuturism**, in “CR: The New Centennial Review” 3 [2], pp. 287-302, 2003.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Scripta: Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>> Acesso em 20 de jul. de 2021. 60

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: NUNES, I. R; DUARTE, C. L. (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente,**

Revista Argentina de la Asociación de Estudios de Cine y Audiovisual, No 17, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador. EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth S. Escrivivência: sentido em construção. In: NUNES, I. R; DUARTE, C. L. (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GELL, Alfred. **A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas**. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Candido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico Raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-. 109, Jan/Abr 2012.

GONZALEZ, Lélia. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**. Mimeo, Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, 10-12 maio de 1979.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCSn. 2, p. 223-244, 1984. Disponível em:<

<http://www.campogrande.ms.gov.br/semu/downloads/racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira-artigo/>> Acesso em Acesso em: 20 de Março de 2021.

GONZALEZ, Lélia. Para compreender a “América” e o “pretuguês”. In: <https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/para-compreender-a-america-e-o-pretugues>. Acesso em Maio de 2022.

HALL, Stuart. Cultura e representação. **PUC-Rio: Apicuri**, 2016.

HARTMAN, Saidiya. O Tempo da Escravidão. *Revista Periódicus*, 1(14), 242–262, 2021. Em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i14.42791>

JESUS, Carolina M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica, 1960.

MADLELA, Khulekani. **Black hair politics** : the representation of African women on True Love magazine front covers and hair advertisements. University of Pretoria. Pretoria. 2018. Disponível em: <https://repository.up.ac.za/handle/2263/65573>. Acesso em: 10 de Fevereiro de 2022.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar de memória**. Letras, Santa Maria. n. 26. 2003.

MORRIS, S. M.. **Black girls are from the future: Afrofuturist feminism in Octavia E. Butler’s “Fledgling.”** *WSQ: Women’s Studies Quarterly*, 40(3&4), 146–166, 2012. 61

MQADI, Malusi - Wits students sing Nkosi Sikelela iAfrica durring the Fees Must Fall movement. Youtube, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/GIkJFj1NWp4> . Acesso em: Novembro de 2021.

OKASAKI, A. Os avessos dos bastidores: a visibilidade da mulher negra nos trabalhos de Rosana Paulino. **dObra[s] – revista da Associação**

Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 268–275, 2019. DOI: 10.26563/dobras.v11i25.868. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/868>. Acesso em: 07 de Abril de 2022.

PAULINO, Rosana. **Imagens de Sombras**. Tese de Doutorado em Artes Visuais. ECA/USP. São Paulo. 2011. Disponível em: www.rosanapaulino.com.br/blog/tese/. Acesso em: 22 de Março de 2022.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy Through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 2005.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro: uma história humana**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. 2021.

Notas

ⁱ Montagem a partir de foto tirada com permissão da estudante Celeste Santos do Colégio Estadual Grandes Mestres Brasileiros em Matina - Bahia. (2019). Áudio gravado para esse trabalho pela sul-africana Shicongo da etnia Zulu (2021).

ⁱⁱ Montagem a partir de foto tirada com permissão da estudante Raquel Santos do Colégio Estadual Grandes Mestres Brasileiros em Matina - Bahia. (2019). Áudio gravado para esse trabalho pela tanzaniana Lucinda Kileo. (2021)

ⁱⁱⁱ Foto do arquivo pessoal da autora. (2020). Áudio gravado para esse trabalho pela sul-africana Rhulani Ndala da etnia Xhona. (2021).

^{iv} Montagem a partir de foto tirada com permissão da estudante Camila Silva do Colégio Estadual Grandes Mestres Brasileiros em Matina - Bahia. (2019). Áudio gravado para esse trabalho pela sul-africana Patrícia Umpuma da etnia Xhosa. (2021).

^v Montagem a partir de foto tirada com permissão da estudante Sirléia Pereira do Colégio Estadual Grandes Mestres Brasileiros em Matina - Bahia. (2019). Áudio gravado para esse trabalho pela tanzaniana Lucinda Kileo. (2021)

^{vi} Montagem a partir de foto tirada com permissão da estudante Emille Rayane Pereira do Colégio Estadual Grandes Mestres Brasileiros em Matina - Bahia. (2021).

^{vii} Montagem a partir de foto do arquivo pessoal da professora Márcia Regina Campos, docente do Ensino Fundamental da Prefeitura de Salvador, Bahia. (2021).

^{viii} Montagem a partir de fotos do arquivo pessoal da autora. (2022). Áudio da *Canção de Bena* composta e interpretada pela autora para esse trabalho. (2021).